



VIGER, Jacques. La guerre de 1812; Journal de Jacques Viger. Présenté et commenté par Bernard Andrès, avec La collaboration de Patricia Wuillemmin-Andrès. Québec: Presses de l'Université Laval, 2012. Coll. Archive littéraire au Québec (série monuments), dirigée par Bernard Andrès. www.pulaval.com

Zilá Bernd¹

Submetido em 19 de fevereiro e
aprovado em 13 de março de 2013

¹ Professora do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais do Unilasalle/Canoas.

Em 2012, o atual governo conservador canadense decide considerar a Guerra de 1812-1814 como uma guerra fundadora do Canadá moderno. Bernard Andrés reflete sobre tal tomada de decisão. Sendo um dos principais estudiosos dos arquivos históricos e literários do Quebec, lança-se à transcrição, análise e comentário do diário de Jacques Viger, um dos líderes dessa guerra, responsável pelo comando dos *Voltigeurs canadiens*, sob as ordens gerais de Charles-Michel d'Irumberry de Salaberry. O diário de campanha e a correspondência de Jacques Viger, oficial de apenas 26 anos e que se tornará o primeiro prefeito de Montreal, é um testemunho incontornável para melhor entender o ano de 1812 que, segundo B. Andrés, é uma data-fetice tanto quanto 1534, descoberta do Canadá por Jacques Cartier; 1608, fundação de Montreal, ou 1759, invasão inglesa no Canadá, até então, colonizado por franceses.

É importante mencionar que Voltigeur é uma unidade de infantaria li-

geira. Os Voltigeurs canadiens “são um corpo de voluntários francófonos constituído em 1812 pelo Major Charles Michel d’Irumberry de Salaberry. Seis Capitães, entre os quais, Jacques Viger estão sob suas ordens” (2012, p. 47, nota explicativa n. 3).

A título de justificativa para a escolha da data de 1812 como fundadora do Canadá moderno, o site do Patrimoine Canada/Canadian Heritage revela: “esse conflito contra os Americanos lançou as bases do que iria tornar-se o Canadá, isto é, um país independente e livre, unido sob a Coroa e respeitoso de sua diversidade linguística e étnica” (p. 5). Tal releitura da história convoca o pesquisador Bernard Andrès a uma contraleitura ou, conforme ele próprio afirma, na longa introdução de 59 páginas, a uma tentativa de decifrar os discursos de 2012 acerca de 1812...

O que o apresentador/comentador pretende de fato não é retrair a história militar do episódio, mas reconstituir, através da leitura das

cartas enviadas por Jacques Viger a sua esposa, uma história das mentalidades e sensibilidades canadenses, no momento em que emerge um sentimento nacional tanto entre os anglófonos quanto entre os francófonos. Bernard Andrès, mesmo antes de criar a coleção *Archive littéraire au Québec*, que já conta com sete publicações, de 2009 a 2012, trabalhava em um importante projeto na Université du Québec à Montréal, relativo à arqueologia do literário, procurando elencar as características de literariedade em textos históricos, jornalísticos, autobiográficos etc do século XVIII quebequense. O núcleo central de suas pesquisas é a observação do nascimento do literário na província do Quebec e a migração das memórias históricas às memórias literárias. De onde vem o interesse por esse diário de Jacques Viger, seguido da correspondência, inclusive endereçada a sua jovem esposa.

Bernard Andrès alerta para as omissões do site Patrimoine Canada/Canadian Heritage em relação ao

desempenho dos bravos voltigeurs francófonos e sua resistência em Kingston/Cataroqui, ponto estratégico às margens do lago Ontário, na fronteira com os Estados Unidos à época. Bernard Andrès constata, no site recém-citado, elementos de exaltação da participação de anglófonos na guerra e a omissão de nomes de heróis do Quebec francófono, como J. Viger, por exemplo.

Na leitura do diário de Jacques Viger, o organizador e comentarista não busca, pois, apenas o factual, mas todos os elementos, como afetividade, humor e expressão da subjetividade, os quais lhe permitirão ir além dos fatos militares minuciosamente descritos. A transcrição do manuscrito em 2012 tem, portanto, além das razões do pesquisador em dar a conhecer seu objeto de estudo, muitas vezes limitado ao alcance dos pesquisadores de arquivos, uma razão política e ideológica: destacar o papel dos quebequenses nessa guerra que o governo federal decide agora incluir no patrimônio histórico canadense.

Jacques Viger, nascido em 1787 e morto em 1858, foi um dos heróis da guerra de 1812 na qual os canadenses, embora numericamente inferiores, equipararam-se aos americanos (estadunidenses), cujo objetivo era separar o alto Canadá do baixo Canadá (divisão vigente na época), com vistas a anexar uma das partes aos Estados Unidos. O Canadá, graças ao empenho dos chamados Voltigeurs, sai vitorioso, embora o final dessa guerra tenha um caráter ambíguo, já que os americanos também se proclamam vitoriosos...

A publicação inclui uma ampla introdução, com preciosos comentários acerca da obra de J. Viger, o Diário de Jacques Viger de 1813, seguido de sua correspondência, bem como numerosas notas explicativas elaboradas por B. Andrès e sua colaboradora Patricia W.-Andrès. A obra é ainda constituída por doze ilustrações que incluem mapas e planos de batalha. Para o estabelecimento do manuscrito, os organizadores explicam suas op-

ções metodológicas, que abarcam símbolos para indicar palavras legíveis, mas rasuradas; palavras entre colchetes remetem a palavras ilegíveis no manuscrito original, respeitando as mudanças de paginação do original. A obra contém três anexos, incluindo a lista dos

Voltigeurs, de Jacques Viger, e uma extensa bibliografia que apresenta outras obras do mesmo autor; demais documentos de sua autoria, disponíveis em arquivos, além das principais referências bibliográficas utilizadas na Introdução, cujo título é “A guerra de um Voltigeur”.